



ESTRATÉGIAS PARA DESCONSTRUIR O USO PEJORATIVO DA GÍRIA ‘LÁ ELE’ NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MIRO CAIRO: Inclusão e Respeito à Diversidade de Gênero e Identidade

Eixo Temático: EIXO 23 - Masculinidades e Feminilidades: Tensionamentos e Possibilidades no Espaço Escolar e Não Escolar / Axis 23 - Masculinities and Femininities: Tensions and Possibilities in School and non-school settings (online)

MICKELLE XAVIER SANTOS¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

RESUMO

Este artigo apresenta a experiência de intervenção na Biblioteca Comunitária Miro Cairo, situada no loteamento Miro Cairo, no bairro Zabelê, periferia de Vitória da Conquista, Bahia. A biblioteca desempenha um papel essencial na promoção da educação e da cultura, com enfoque na inclusão e no respeito à diversidade de gênero e identidade. Para embasar a pesquisa, foram mobilizados teóricos como Judith Butler, Leandro Colling, Ramon Fontes, Djalma Thurler e Maria da Glória Gohn, entre outros. Inicialmente, discute-se o papel da biblioteca como um espaço de socialização que fomenta práticas inclusivas e antidiscriminatórias. Em seguida, aborda-se sua concepção como espaço não formal de educação, ressaltando seu potencial transformador na comunidade. Por fim, apresentam-se os impactos das ações de intervenção realizadas, como oficinas e palestras, especialmente na desconstrução do uso pejorativo da gíria “Lá Ele” entre as crianças atendidas. A proposta se alicerça na formação de grupos de interesse que possibilitam maior visibilidade e expressão aos participantes, fortalecendo a biblioteca como um ambiente de resistência e empoderamento. Os resultados apontam para a ampliação do debate sobre diversidade e para a construção de práticas educativas que desafiam discursos excludentes, reforçando a importância das bibliotecas comunitárias na promoção da cidadania e dos direitos humanos.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação não formal. Diversidade. Gênero. Respeito.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Endereço eletrônico: mickellexavier@gmail.com.



Viviane Mendes Santana e a professora da disciplina Estágio I, Karina Moreira Menezes e atende em média 300 pessoas entre, crianças, jovens e idosas.

A biblioteca oferece atendimento nos turnos matutino e vespertino com ações tais como: **Diário de uma Biblioteca** - processo de alfabetização com alunos de idade entre 8 e 58 anos, auxílio para as crianças em confecção de trabalhos escolares oferecendo acesso a matérias necessários, crianças que vão para desenhar e para reforço escolar e empréstimo de livros; **Papo de Meninas** - debate de temas emergentes que permeiam o cotidiano das jovens da comunidade, a fim de estruturar os laços femininos e compartilhar ideias e experiências, fazendo uso de obras literárias que embasam as discussões; **Fuzuê na Biblioteca** - ação cultural com contações de histórias, brincadeiras e música para crianças de todas as idades; **De quebrada para quebrada** - ação voltada para adolescentes e jovens entre 12 e 24 anos com objetivo de promover um bate-papo aberto sobre dúvidas, receios e direitos; **Clube de leitores mirins** - um grupo de 15 crianças com idades entre 8 e 12 anos, que se reúnem para a escolha de livros e posteriormente para debates; **Sarau e Slam** - são dois dias de evento, o primeiro acontece uma oficina de escritas criativa e poesia, já no segundo uma batalha de rap, música e declamação das poesias confeccionadas no dia anterior.

Com as medidas de distanciamento social implementado devido a pandemia da covid 19, as ações da biblioteca tiveram que serem reinventadas com isso surgiram outras demandas: **Empréstimos de livros** na modalidade delivery; **Entrega de kits para que as crianças possam produzir desenhos e fomentar a escrita criativa** - lápis de cor, caderno de desenho, lápis, borracha, giz de cera, canetas coloridas e lapiseira. Desta maneira as crianças e adolescentes poderão fazer uso desses itens para produção livre e criativa de desenhos e textos; **Auxílio nos estudos** - por causa do vestibular e o ENEM alguns frequentadores que estão inscritos na biblioteca têm ajuda nos estudos com professores voluntários e nas inscrições. Os matriculados nas escolas do entorno tem auxílio nas semanas de provas e reforço escolar; **Distribuição de cestas básicas e máscaras para as famílias.**



A biblioteca Comunitária Miro Cairo conta com o auxílio da comunidade e de voluntários para a manutenção das atividades e do espaço, as crianças atendidas pela biblioteca em sua maioria são oriundos dos loteamentos Miro Cairo, Senhorinha Cairo, Henriqueta Prates, sendo que no Miro Cairo existem os condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal denominados de Flamboyant, Jacarandá, Ipê, Acássia e Jequitibá. Em relação às condições socioeconômicas e culturais pode-se afirmar que a maioria das famílias é de baixa renda. Uma das principais atividades econômicas das pessoas da comunidade é o comércio. Todavia, há os que sobrevivem de serviços informais que não geram renda fixa ou garantia dos direitos trabalhistas como carteira assinada.

Outro dado que pode ser constatado e que demonstra a renda das famílias destas comunidades é o número considerável de famílias atendidas por programas sociais, relatados na ficha de cadastro na biblioteca, tais como: Bolsa Família, Leite das Crianças, dentre outros. Percebe-se também o baixo nível de escolaridade das famílias assistidas, que apresenta um grande número de analfabetos, os quais conseguem, ainda com certa dificuldade, assinar o próprio nome. A maioria possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto. Poucos possuem o nível médio ou superior. De acordo com a realidade brasileira na qual a BCMC está inserida verificam-se, dentre as já citadas, outras características sociais que refletem no processo de ensino e aprendizagem. Exemplifica-se aí a violência, a desigualdade social, a individualidade, os valores distorcidos, dentre outros.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO

A escola é um importante lugar de aprendizagens, mas por certo, não é o único. Existem vários lugares que promovem aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito e potencializando a interação e socialização do saber através das trocas de experiências. Assim, percebe-se que esses espaços são capazes de transformar a condição de vida do sujeito, bem como do coletivo. Nesse sentido, encontramos aspectos que as ações desenvolvidas nos espaços não formais de educação tem por finalidade construir cidadãos extremamente preocupados e conscientes da



importância da comunidade, no sentido universal e não particular e, assim, envolver toda a comunidade educativa nas demandas emancipatórias locais. Desta maneira, Maria da Glória Gohn define:

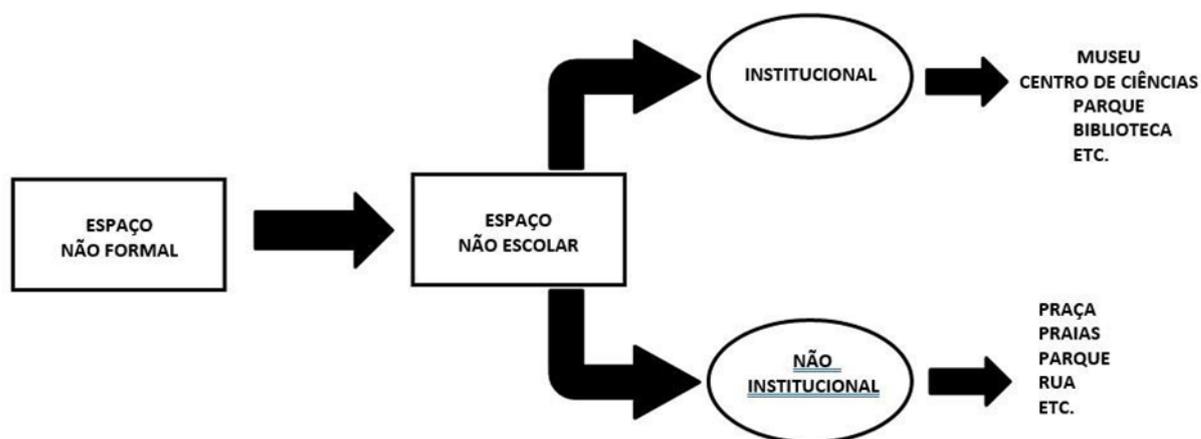
A educação não formal designa um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangência. O primeiro envolve a aprendizagem política dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais. [...] O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos. [...] O quarto, e não por menos importante, é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. [...] O quinto é a educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica. [...] Finalmente, deve-se registrar ainda o campo da educação para a vida ou para a arte de bem viver. Em tempos de globalização, devemos traduzir isto em: como viver ou conviver com o *stress* (GOHN, 2011, p. 106-107).

Gohn (2006), conceitua ainda a educação não formal como aquela que se aprende “no mundo da vida”, por meio das vivências e trocas de experiências, principalmente em comunidades que tem projetos que promovem ações coletivas que permeiam o cotidiano. Como se vê, todo entendimento, ou seja, a base conceitual deste trabalho, corrobora com o que foi e se pretendeu.

Para que não fique nenhuma dúvida sobre o são espaços não formais de educação, a ilustração na página seguinte nos ajuda a dirimir qualquer dúvida que venha a surgir.



Figura 2 – Síntese sobre Espaços Não Formais de Educação



Fonte: Material disponibilizado para os/as alunos/as no AVA do Curso Pedagogia UFBA.

A partir da Figura 2 acima, é possível afirmar que a Biblioteca Comunitária Miro Cairo, que é o espaço em que se concentra todas as ações com a finalidade emancipatória da comunidade em que está inserida, é, portanto, um espaço não formal de educação institucional. Entretanto, vale a ressalva, muitas das ações do Projeto acontecem em outros espaços não formais não institucionais, como, por exemplo, ruas e praça. Por todo o exposto, sem margem a dúvida, é a educação não formal que caracteriza o espaço da intervenção da proposta aqui apresentada e, com a Gohn, ratificamos as nossas possibilidades interventivas, para que os objetivos fossem alcançados.

Nesse sentido, o conceito está em consonância com a abordagem feita por Gohn (2006) sobre a definição de espaço não formal de educação, pois a aprendizagem é potencializada pelas diversas formas de linguagens na comunidade. Para tanto, a implantação da BCMC teve por objetivo incentivar o acesso à educação através da aproximação da comunidade aos livros, como forma de minimizar as adversidades sociais sofridas, principalmente por se tratar de um bairro carente, com alto índice de



violência e vulnerabilidade social. Neste sentido, foi permitido não apenas ao público da comunidade, mas também as autoras, refletir a respeito do contexto em que se inserem as bibliotecas comunitárias:

Elas “brotam” do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, num movimento engajado de grupos organizados ou de indivíduos. Grupos ou indivíduos esses que reúnem esforços no sentido de abrir espaço público para ampliar o acesso à informação, à documentação, à leitura, ao livro, ao conhecimento e ao debate sociocultural sobre a potencialidade dessa categoria de biblioteca na condição de espaços complementares para educação (PRADO; MACHADO, 2008, p. 4).

Inicialmente, pretendíamos incentivar o hábito da leitura, contribuir com a minimização da vulnerabilidade social e promover ações culturais, gerando consequentemente autonomia e lazer para a comunidade. Mas, os acontecimentos iam para além da proposta inicial, a comunidade apresentava uma multiplicidade de formas culturais, ou melhor, letramentos que se apresentavam e, assim, mais do que ler, aconteciam manifestações naquele lugar que ensinavam e formavam a todos e todas. Gohn aponta, que na educação não formal as aprendizagens:

Apresentam um caráter voluntário; Promovem sobretudo a socialização; Promovem a solidariedade; Visam o desenvolvimento; Preocupam-se essencialmente com a mudança social; São pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas; Favorecem a participação; Proporcionam a investigação-ação e projetos de desenvolvimento; São por natureza formas de participação descentralizadas (GOHN, 2011, p. 110).

Nesse sentido, a “reexistência” é o “(re)existir” reconfigurado a partir das diversas linguagens manifestadas no espaço não formal, a Biblioteca Miro Cairo, melhor dizendo, muitas dessas aprendizagens do jeito dos sujeitos daquele lugar.

A educação numa perspectiva popular, que é adquirida através das vivências é emancipatória e, nessa premissa, a cidadania é ativa porque educação é um direito, portanto, através dela o sujeito exerce sua cidadania, que envolve os direitos e deveres e viver a autonomia, porque mais informado/a, poderá fazer escolhas.



Na verdade, “Na educação não formal, a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos” (GOHN, 2011, p. 110). Essa mesma autora acrescenta ainda que a autonomia sociocultural, de todos os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, é necessária em projetos sociais.

DESCONSTRUÇÕES DE ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS

O termo ideologia de gênero é uma categoria criada e utilizada por vários grupos ou entidades religiosos entre eles: católicos e evangélicos para deslegitimar movimentos sociais que tem como base estudos feministas, LGBTQIAP+ ou queer, tratando e compreendendo conceitos de heterossexualidade e heteronormatividade, como um ativismo artístico à esquerda. Inspirados pelas reflexões de Thürler, buscamos desconstruir estereótipos e preconceitos arraigados. Desta maneira, Djalma Thürler defende que:

“Se posicionar artisticamente à esquerda [...] é defender um[a] produção em arte insubordinada, que resista à colonialidade da experiência, questione as presenças e as ausências, os silenciamento e as violências simbólicas das produções artísticas, mas que também, produza estéticas, em um processo artístico híbrido entre arte, cultura e política, capazes de desvelar as relações de poder, que promovam novas políticas de subjetivação e trate das constituições dos sujeitos cambiantes e fragmentados da pós-modernidade” (THÜRLER, 2019.).

A expressão "lá ele" é um termo que pode ser considerado como parte do jargão popular no Estado da Bahia, sendo utilizado em diversas situações informais para se referir a uma pessoa que se destaca ou é notável em determinado aspecto. No entanto, o seu uso também pode carregar conotações relacionadas ao gênero e à sexualidade.



Em relação ao gênero, a expressão "lá ele" pode ser interpretada como uma forma de reforçar estereótipos de gênero, já que é frequentemente usada para se referir a homens que possuem características consideradas tradicionalmente masculinas, como coragem, força ou habilidades técnicas. Essa associação pode reforçar a ideia de que tais características são exclusivas ou predominantes em homens, o que pode ser prejudicial para a promoção da equidade de gênero. Em relação à sexualidade, o uso da expressão "lá ele" pode ser considerado como uma forma de menosprezar ou desqualificar a orientação sexual de uma pessoa, especialmente em relação a homens gays ou bissexuais. Isso porque a expressão pode ser usada de forma pejorativa para se referir a um homem que não se encaixa em padrões heteronormativos de masculinidade.

Uma pedagogia transgressora que desafia os padrões impostos pela sociedade e empodera jovens que muitas vezes são marginalizados. É um exemplo de como a arte pode ser uma forma de resistência e transformação social. Neste sentido Soares e Fontes (2019) versam sobre os corpos que transgridem:

Os corpos, os sujeitos em dissidência, são a maior transgressão às normas de controle e opressão [...] Penso que o corpo é uma ferramenta fundamental de transformação e transgressão no processo de ensino e aprendizagem. Em outras cosmovisões de mundo, como iorubana e ameríndia, o corpo compõe a força vital de equilíbrio entre a terra e o mundo espiritual. É pelo corpo que aprendemos, nos energizamos. Nada escapa ao corpo, tudo o atravessa. É assim que crescemos, nos descobrimos como povo e reinventamos diferentes formas de ser e estar no mundo. (SOARES e FONTES, 2019, p. 36)

A intervenção por meio das oficinas e palestra almeja desafiar visões simplistas sobre identidade de gênero, encorajando os visitantes a questionarem suas próprias crenças e adotarem uma postura mais aberta e inclusiva. Engajamento cidadão e o ativismo demonstram através da visão de Colling (2018) e as discussões de Araújo, Cruz e Dantas (2018) inspiram nosso desejo de estimular um cidadão consciente. Buscamos motivar os visitantes a se tornarem agentes de mudança, defendendo a inclusão e promovendo um ambiente respeitoso para todas as identidades de gênero.



METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO: CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO

A pesquisa-ação é definida por Michel Thiollent (2002) como uma ação participativa, em que as pessoas envolvidas no ato da investigação participam ativamente deste processo, podendo ser uma ação reivindicatória ou organizacional, a qual indica que por trás destes problemas existe uma série de condicionantes sociais a serem evidenciados. Os pesquisadores possuem um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações que forem desencadeadas, o que exige certa relação entre os pesquisadores e as pessoas envolvidas na pesquisa.

O autor nos apresenta duas concepções de objetivos da pesquisa-ação que se relacionam. O objetivo prático que tem por finalidade realizar uma análise do problema central da pesquisa, a fim de gerar soluções acessíveis através de ações práticas que envolva os agentes participantes da atividade investigada de maneira crítica e promova a tomada de consciência coletiva nos planos político e cultural, justamente pelo fato de que alguns problemas não têm sua resolução em curto prazo. Já o objetivo do conhecimento caracteriza-se pela obtenção de informações que não são de fácil acesso, que contribuirão para a produção de conhecimento que abrange amplamente o alcance da pesquisa no que diz respeito a estudos de problemas sociológicos, educacionais entre outros, causando transformações reais no contexto social.

Na pesquisa-ação, o pesquisador não apenas faz o levantamento de problemas sobre determinada comunidade. Por meio de discussões com os demais envolvidos, busca trazer soluções efetivas àquele grupo, para que tenham um real aprendizado e desenvolvam resoluções que ampliem a sua compreensão para que tenham condições de avaliar as melhores opções disponíveis dentro do seu contexto social, não ficando apenas na autoavaliação.



Nesta perspectiva, as etapas da pesquisa-ação são fundamentais para delinear um ponto de partida e desenhar o caminho a ser trilhado e é de suma importância a escolha do tema para dar início a pesquisa, a palavra-chave, a procura e exploração de referenciais teóricos que vão dar robustez e possibilidade de coletar dados, levantar hipóteses, sobre o olhar da ação que precisa ser feito e no decorrer desse caminho, a aprendizagem é associada à investigação e por meio dela a resolução da ação do determinado problema de pesquisa.

IMPACTO DAS INTERVEÇÕES NA COMUNIDADE DA BIBLIOTECA: OS PASSOS QUE FORAM NECESSÁRIOS

A partir da realização das oficinas “**Desconstruindo Preconceitos - Uma Jornada de Respeito à Identidade de Gênero**”, aberta para toda comunidade, tivemos a oportunidade de apresentar a proposta de fortalecimento do vínculo permanente com a biblioteca e, conseqüentemente, com a comunidade. É importante dizer que os encontros através das oficinas se constituíram em uma oportunidade de contribuir significativamente no combate ao uso pejorativo da expressão "Lá ele". Que buscou educar, conscientizar e sensibilizar a comunidade sobre a importância do respeito à diversidade de gênero e identidade, promovendo um ambiente de aprendizado, reflexão e mudança. Ao mesmo tempo, as famílias que participaram delas, responderam um questionário apontando as principais demandas da comunidade, para que, após a tabulação das respostas, sejam elaboradas as intervenções, que foram agrupados e trabalhados nos três encontros formativos com o registro dos principais pontos abordados e avaliação coletiva para deliberações de ações práticas.



Figura 3: “Registro de momentos”



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A metodologia aplicada seguiu uma sequência em que se deu prioridade à articulação entre políticas sociais e educação. Para tanto, a proposta de intervenção seguiu etapas apresentadas e relacionadas aos objetivos que almeja combater o uso pejorativo da gíria "Lá Ele" na Biblioteca Comunitária Miro Cairo, através do desenvolvimento e implementação de estratégias, visando promover a inclusão, o respeito e a valorização da diversidade de gênero e identidade no ambiente da biblioteca e na comunidade em geral com possibilidades de ações transformadoras.

Inicialmente, foi aplicado um questionário com 12 perguntas que constituiu questões de múltiplas escolhas, com possibilidades de especificar, caso não houvesse opção conforme as figuras as figuras do questionário no apêndice deste texto.



Perfil dos Participantes

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Comunitária Miro Cairo, envolvendo membros da equipe da biblioteca, frequentadores regulares e membros da comunidade. Do total de 30 participantes, 45% eram frequentadores regulares, 30% membros da equipe da biblioteca e 25% membros da comunidade. A faixa etária dos participantes variou significativamente, com 20% na faixa de 18-25 anos, 30% entre 26-35 anos, 25% entre 36-45 anos, 15% entre 46-55 anos e 10% com 56 anos ou mais. Quanto à identificação de gênero, 40% se identificaram como masculino, 45% como feminino, 10% como não-binário e 5% preferiram não responder.

Conscientização sobre o Uso da Gíria "Lá Ele"

A conscientização sobre o uso pejorativo da gíria "Lá Ele" na Biblioteca Comunitária Miro Cairo foi significativa, com 65% dos participantes relatando ter presenciado ou ouvido falar de situações onde essa linguagem foi utilizada de forma desrespeitosa. Estas situações frequentemente envolviam comentários e piadas dirigidas a pessoas trans e de outras identidades de gênero, refletindo desafios reais no ambiente da biblioteca em relação à inclusão e respeito à diversidade de gênero.

Sensibilização da Equipe da Biblioteca

A maioria dos participantes (75%) expressou confiança de que a equipe da biblioteca está bem informada sobre a importância de combater o uso pejorativo da gíria "Lá Ele". Além disso, 60% dos participantes acreditam que a equipe está aberta a mudanças para promover a inclusão e o respeito à diversidade de gênero, indicando uma receptividade positiva dentro do corpo de funcionários da biblioteca.



Atividades de Conscientização para os Frequentadores

Os resultados também demonstraram um forte interesse por parte dos frequentadores em participar de atividades de conscientização sobre diversidade de gênero na biblioteca. 80% dos participantes expressaram interesse em participar dessas atividades, destacando oficinas de sensibilização e palestras como as formas preferidas de engajamento educativo.

Sugestões para Atividades na Biblioteca

As sugestões para futuras atividades na biblioteca incluíram oficinas de sensibilização (40%), palestras educativas (25%), contação de histórias inclusivas (15%), jogos educativos (10%) e palestras específicas para famílias (5%). Essas propostas refletem a diversidade de interesses e necessidades percebidas pela comunidade em relação à promoção de um ambiente mais inclusivo e educativo na biblioteca.

Os resultados desta pesquisa evidenciam uma conscientização substancial sobre questões de gênero na Biblioteca Comunitária Miro Cairo. A percepção positiva quanto à preparação da equipe para lidar com desafios relacionados ao uso pejorativo da linguagem "Lá Ele", aliada ao forte interesse por atividades educativas, sugere uma base sólida para iniciativas futuras que visem promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos os usuários da biblioteca.

A partir da pesquisa foram realizados os encontros formativos em três sábados consecutivos - 17, 24 de fevereiro e 2 de março de 2024 - os participantes exploraram de maneira profunda e engajada o material "Diversidade Sexual" (Progep UFC, 2020), utilizado como base para discussões e reflexões durante as sessões formativas. Como resultado dessas sessões enriquecedoras, foram sugeridas diversas obras essenciais sobre diversidade de gênero para integrar o acervo da Biblioteca Comunitária Miro Cairo, visando ampliar o acesso ao conhecimento e promover a inclusão através da informação, além de algumas produções livres de desenhos feitas pelos frequentadores. Conforme pode ser observado na figura abaixo:



Figura 4: “Registro de momentos dos encontros formativos”



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Inicialmente, é importante dizer que foram realizados encontros formativos a partir dos resultados obtidos, por meio da aplicação do questionário que teve como público alvo, familiares de algumas crianças e adolescentes que frequentam a BCMC, pois esses poderão levar os temas abordados para a suas casas, uma vez que a necessidade da intervenção advém do uso da expressão “Lá Ele”, de maneira pejorativa, majoritariamente usada pelas crianças e adolescentes, reforçando um sistema baseado na heteronormatividade que vem cada vez mais delimitando as regras sociais e aspectos biológicos da sexualidade em apenas homem e mulher ou feminino e masculino, desprezando a diversidade de gênero existente. A abordagem realizada na intervenção se baseou em uma pedagogia transgressora, valorizando e estimulando uma reflexão a partir das vivências e experiências apresentados na própria comunidade.



O Uso da Linguagem na Construção da Cultura

A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo e uma constituição da cultura. Segundo o antropólogo Edward Sapir (1921), a linguagem e a cultura estão intimamente ligadas, a maneira como nos expressamos verbalmente reflete e molda as nossas percepções culturais. O uso da expressão como "Lá Ele" é um exemplo claro de como a linguagem carrega significados culturais específicos que vão além do simples sentido literal das palavras. Nesse sentido, a Teoria da Relatividade Linguística, também conhecida como Hipótese de Sapir-Whorf (1956), sugere que a estrutura da linguagem influencia a percepção e a cognição das pessoas. Assim, expressões culturais específicas podem moldar como os indivíduos entendem e interagem com o mundo. No caso de "Lá Ele", a expressão pode moldar atitudes de rejeição e distanciamento social, perpetuando certos estigmas e normas culturais, ou seja, não quero em mim, não faz parte de mim e sim no outro.

O conceito de performatividade, proposto por J.L. Austin (1962) e mais tarde expandido por Butler (1990), sugere que a linguagem não apenas descreve a realidade, mas também a cria. As palavras são ações que têm efeitos concretos no mundo social. Ao usar "Lá Ele" de maneira pejorativa, os falantes não apenas expressam uma opinião, mas também reforçam e perpetuam normas sociais que associam negatividade a certas situações ou comportamentos.

No primeiro encontro, realizado em 17 de fevereiro de 2024, iniciamos com uma calorosa recepção aos participantes, explicando o objetivo das oficinas e a importância do tema. Utilizamos o material "Diversidade Sexual" (Progep UFC, 2020) para introduzir a ideia de que o gênero é uma construção social. Em seguida, realizamos uma atividade baseada no mesmo material, incentivando os participantes a refletirem sobre as desigualdades e privilégios relacionados ao gênero. Após a atividade, promovemos um debate sobre as percepções dos participantes, esclarecendo as diferenças entre gênero e sexualidade.



Este encontro permitiu identificar lacunas no conhecimento dos participantes e iniciar uma reflexão sobre o impacto negativo da linguagem pejorativa, como a expressão "Lá Ele".

O segundo encontro, em 24 de fevereiro de 2024, teve como foco aprofundar a compreensão sobre diversidade sexual. Iniciamos com uma apresentação de slides abordando questões de orientação sexual e identidade de gênero, com ênfase na diversidade LGBTQIAP+. Em seguida, abrimos espaço para um grupo de discussão, onde os participantes compartilharam experiências pessoais e percepções. Neste encontro, também aplicamos um questionário às famílias participantes para identificar as principais demandas da comunidade relacionadas à diversidade de gênero. Esse encontro ajudou a ampliar a compreensão dos participantes sobre as categorias de gênero e sexualidade e a identificar as demandas da comunidade. Percebe-se através da figura 05 a seguir, a participação dos que demonstraram certa resistência no momento da apresentação da proposta das oficinas:

Figura 5: “Registro de momentos dos encontros formativos”



Fonte: Arquivo pessoal (2024)



O terceiro e último encontro, realizado em 2 de março de 2024, focou no planejamento de ações práticas e na avaliação coletiva dos encontros. Começamos apresentando e analisando as respostas dos questionários aplicados às famílias no encontro anterior, identificando temas prioritários para futuras intervenções. Os participantes foram divididos em grupos de trabalho para desenvolver propostas de intervenções práticas com base nas demandas identificadas. Em seguida, discutimos estratégias para implementar essas intervenções na biblioteca e na comunidade. Finalizamos com uma avaliação coletiva dos três encontros formativos, onde os participantes forneceram feedback sobre o conteúdo abordado e as atividades realizadas. Deliberamos coletivamente sobre as ações práticas a serem implementadas.

Durante os encontros foi possível realizar alguns registros por meio de gravações que posteriormente foram transcritos com autorização dos participantes, onde é possível compreendermos que a diversidade de ações e formas de ser e existir são a força criativa essencial para escapar de categorias indenitárias e desorganizar sequências normativas. Segue depoimentos:

“Após esses encontros, podemos diferenciar e entender os conceitos e termos utilizados, além de entender todo o contexto histórico que permeia as questões de gênero e sexualidade, bem como o que as identidades trans ensinam para as identidades cisgêneras, primeiramente é necessário compreender que não existe apenas dois gêneros, mas sim uma diversidade gêneros que pode ser respeitada a partir do que cada pessoa se identifica e se vê, independente do seu sexo biológico, o quanto as pessoas diante da intolerância se organizaram e lutam diariamente contra o preconceito existente, muita e majoritariamente por falta de conhecimento e por ter tido em sua maioria uma criação fundamentada no patriarcado.” (Depoimento de M.A.S, mulher trans. 18 anos).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O depoimento sublinha a importância de "diferenciar e entender os conceitos e termos utilizados, além de entender todo o contexto histórico que permeia as questões de gênero e sexualidade." Essa compreensão crítica é fundamental para a pedagogia transgressora. Michel Foucault (1976), em "História da Sexualidade," argumenta que o conhecimento é poder e que a compreensão das construções históricas e sociais da sexualidade é essencial para desafiar e transformar essas construções. Soares e Fontes (2019) utilizam essa abordagem foucaultiana para promover uma pedagogia que educa sobre a história e as dinâmicas de poder em torno de gênero e sexualidade, permitindo aos estudantes desenvolver uma compreensão crítica e resistir à normatividade.

“Antes de participar desses encontros e entender mais sobre diversidade de gênero, eu costumava usar o termo 'Lá ele' de maneira pejorativa. Na época, não tinha consciência do impacto negativo que minhas palavras poderiam causar. Achava que era apenas uma brincadeira ou uma forma de me expressar sem perceber o quanto isso poderia ferir alguém. No entanto, ao longo desses encontros e das reflexões promovidas, comecei a compreender melhor a importância do respeito à diversidade de gênero, percebi que usar termos pejorativos contribui para perpetuar estereótipos e discriminações, prejudicando as pessoas que não se encaixam nos padrões tradicionais de gênero, hoje, reconheço a necessidade de mudança em minha própria linguagem e comportamento, estou em um processo de desconstrução, aprendendo a ser mais empático e a respeitar as identidades de gênero de todas as pessoas, independentemente de como se identificam, é um caminho que ainda estou percorrendo, mas estou comprometido em fazer a diferença e contribuir para um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos”.

(Depoimento de F.O. S, homem cis gênero, 20 anos).



“Percebi que usar termos pejorativos contribui para perpetuar estereótipos e discriminações...” Este ponto está em consonância com a crítica ao uso de linguagem opressiva discutida no ebook "Pedagogias Transgressoras." A teoria queer e os estudos sobre linguagem argumentam que a linguagem pejorativa reforça estereótipos e normas discriminatórias. A pedagogia transgressora, como proposta no livro, visa justamente transformar essas práticas linguísticas e promover uma linguagem inclusiva que desafie as normas tradicionais e reconheça a diversidade.

"Ao longo da minha vida, enfrentei muitos desafios por causa da minha identidade de gênero. É fundamental que a sociedade reconheça e valorize a diversidade, para que todos possam viver com dignidade e liberdade, independentemente de sua identidade de gênero." (Depoimento de A.R. Mulher lesbica, 38 anos).

A teoria queer promove a ideia de que as identidades de gênero e sexualidade são fluidas e multifacetadas, que a compreensão da sexualidade e do gênero deve ir além de categorias rígidas. O desejo de A.R. por reconhecimento e valorização da diversidade reflete a necessidade de uma sociedade que aceita e celebra essa fluidez, ao invés de impor categorias normativas e fixas. A teoria queer advoga por uma sociedade onde todas as formas de identidade possam ser vividas com dignidade e liberdade, desafiando a heteronormatividade e as expectativas binárias.

A experiência de A.R., ao enfrentar desafios devido à sua identidade de gênero, ilustra como essas normativas podem marginalizar e oprimir aqueles que não se conformam com as expectativas heteronormativas. A teoria queer critica essas normas e busca a desconstrução das formas normativas de entender gênero e sexualidade.



"É fundamental estudar e debater a diversidade de gênero em diferentes espaços para promover a compreensão e o respeito mútuo. Ao discutirmos esse tema, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde todas as pessoas possam ser respeitadas em sua individualidade. Através do diálogo e da reflexão, podemos combater estereótipos, preconceitos e discriminações, promovendo o respeito à diversidade e garantindo os direitos de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero." (Depoimento de M.F.S., mulher cis gênero, 56 anos).

O depoimento de M.F.S. enfatiza que o diálogo e a reflexão são ferramentas para combater estereótipos e preconceitos. Essa ideia está diretamente relacionada com a desconstrução dos estereótipos de gênero e com a luta contra a discriminação baseada na identidade de gênero. Por exemplo, combater preconceitos contra pessoas transgêneras ou não-binárias envolve educar a sociedade sobre a diversidade de identidades e desafiar as normas rígidas que muitas vezes levam a discriminação. A teoria queer e os estudos de gênero de Thürler (2018) também abordam como a reflexão crítica e o diálogo é essencial para enfrentar essas questões.

Os depoimentos coletados demonstram o impacto positivo das oficinas na Biblioteca Comunitária Miro Cairo. Elas proporcionaram um espaço seguro para a discussão e reflexão sobre a diversidade de gênero, promovendo a desconstrução de preconceitos e a valorização das identidades diversas. A transformação pessoal dos participantes, como evidenciado nas falas de F.O.S. e M.A.S., mostra que a educação é um instrumento poderoso para mudar comportamentos e atitudes. Além disso, a importância do reconhecimento social e da valorização da diversidade, como destacado por A.R.S. e M.F.S., ressalta a necessidade contínua de diálogos inclusivos em nossa sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: SONHOS ALCANÇADOS

Este artigo evidencia que iniciativas como os encontros são essenciais para a construção de uma comunidade mais empática e inclusiva. Promover a educação sobre a diversidade de gênero não apenas beneficia indivíduos diretamente afetados, mas também contribui para uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Os encontros formativos realizados na Biblioteca Comunitária Miro Cairo tiveram como objetivo promover uma maior conscientização sobre a diversidade de gênero e identidade. Espera-se que as intervenções, ajudem a aproveitar a multiplicidade cultural da comunidade. Através da linguagem democrática, crítica, ética e pluralista, esses encontros visaram proporcionar uma compreensão mais profunda e empática das questões de gênero.

Durante esses encontros, a comunidade teve a oportunidade de compreender as dificuldades enfrentadas por muitas pessoas ao atravessar o preconceito que afeta tantas famílias. Espera-se que, através do coletivo, essas experiências possam ser vividas de forma menos sofrida, utilizando ações simples mas efetivas. Os resultados alcançados dos encontros formativos para combater o uso pejorativo da gíria baiana 'Lá Ele' na Biblioteca Comunitária Miro Cairo: Promovendo a inclusão e respeito à diversidade de gênero e identidade" refletem as perspectivas de autores renomados, como Colling (2018), Araújo, Cruz, Dantas (2018) e Butler (2003).

Inspirados por esses autores, buscamos alcançar uma ampliação da conscientização e dos diálogos dentro da comunidade. Os encontros aspiram expandir o entendimento sobre questões de gênero e identidade, à luz das contribuições de Colling (2018) e Araújo (2018). Fomentamos diálogos construtivos, onde os participantes exploraram a complexidade da diversidade sexual, promovendo uma compreensão mais profunda e empática.



É importante mencionar que, a aplicação do projeto de intervenção se iniciou no final do ano de 2023, onde se observava como os frequentadores da biblioteca, principalmente as crianças e os adolescentes, apresentavam e proferiam discursos carregados de preconceitos e o uso pejorativo da expressão ‘Lá, Ele’. Hoje, em 2024 é perceptivo a mudança de comportamento após as intervenções com os familiares.

As possibilidades existentes em espaços não formais de educação têm um papel transformador. Através de atividades culturais e de formação política, buscamos formar cidadãos que possam pensar em mudanças efetivas das situações reais que permeiam o cotidiano. Propomos que os participantes sejam autodeterminados, para que, coletivamente, descubram, localizem, apontem, ajam e compartilhem sempre com os demais. Acreditamos que apenas dessa forma poderemos ter "Sujeitos sociais reexistindo para resistir".

Ao alinhar os resultados obtidos com as ideias desses autores, buscamos criar encontros formativos que não apenas conscientizem, mas também catalisem uma transformação duradoura na forma como a comunidade encara a diversidade de gênero e identidade. Nossa meta é contribuir para um ambiente mais inclusivo e respeitoso, promovendo um entendimento mais profundo e empático dentro da comunidade.



REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izaura Santiago da e DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. *Gênero e sexualidade na escola*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

AUSTIN, J. L. 1962a. **How to do things with words**. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. **Quando Dizer é Fazer** – Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. 1. ed. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

FOUCAULT, M. **A vontade de saber** (1976). Rio de Janeiro: Graal, 1999. (História da Sexualidade).

GOHN, Maria Glória. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos**. Investigar em Educação, Lisboa, II série, n. 1, p. 35-50, 2014.

_____ (2006). **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação. v. 14, n. 50, p. 27-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

_____ **Movimentos sociais na contemporaneidade**. In: Revista Brasileira de Educação. v. 16. n. 47. maio-ago. 2011.

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS. **Diversidade Sexual: eu respeito**. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2023. 14 slides, color. Elaboração: Divisão de Apoio Psicossocial (DIAPS) da Coordenadoria de Qualidade de Vida no Trabalho (COQVT) e Coordenadoria de Perícia e Assistência ao Servidor da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP). Disponível em: <https://progep.ufc.br/wp-content/uploads/2020/09/diversidade-sexual-aterado-1.pdf>.



SANTOS, Mickelle Xavier. **(RE) Existir para resistir na Sindemia de COVID-19: Biblioteca Comunitária Miro Cairo**. Bahia: Vol.12. No 1: Anais do XIV Colóquio Nacional e VII Colóquio Intern. do Museu Pedagógico e II Seminário Nac. e II Int. do Histedbr, 2022.

SOARES, Mayana Rocha; FONTES, Ramon. **Pedagogias Transgressoras** - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

SAPIR, Edward. **Language: an introduction to the study of speech** San Diego: HJB Books, [1921] 1949.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

THÜRLER, Djalma. **“Sabedoria é desaprender”** – notas para a construção de uma política cultural das margens. In: SILVA, Gimima; PUGA, Lúcia; RIOS Otávio (orgs). **Alfabetização política, relações de poder e cidadania: perspectivas interdisciplinares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018a.

WHORF, B. (1956). **Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf**. Cambridge: MIT.



Figura 8 – Primeira pagina do Questionário Sobre Diversidade de Gênero na BCMC.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – SEAD

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MIRO CAIRO

QUESTIONÁRIO SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MIRO CAIRO

PERFIL DO RESPONDENTE

1. Qual é a sua relação com a Biblioteca Comunitária Miro Cairo?

(a) frequentador regular, (b) membro da equipe da biblioteca, (c) membro da comunidade, (d) outro (especificar).

2. Qual é a sua faixa etária?

(a) 18-25 anos, (b) 26-35 anos, (c) 36-45 anos, (d) 46-55 anos, (e) 56 anos ou mais.

3. Como você identifica seu gênero?

(a) masculino, (b) feminino, (c) não-binário, (d) preferir não responder.

CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO

4. Você já presenciou ou teve conhecimento do uso da gíria "Lá Ele" na Biblioteca Comunitária Miro Cairo?

(a) Sim, (b) Não.

5. Em caso afirmativo, poderia compartilhar uma situação específica que você tenha testemunhado ou ouvido falar?

Fonte: Autora (2023)



SENSIBILIZAÇÃO DA EQUIPE DA BIBLIOTECA

6. Como você avalia a compreensão da equipe da biblioteca sobre a importância de combater o uso pejorativo da gíria "Lá Ele"?

(a) Muito bem informada, (b) Informada, (c) Neutra, (d) Pouco informada, (e) Não sei.

7. Você acredita que a equipe da biblioteca está aberta a mudanças para promover a inclusão e o respeito à diversidade de gênero?

(a) Sim, (b) Não, (c) Não sei.

ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA OS FREQUENTADORES

8. Você participaria de atividades de conscientização sobre diversidade de gênero na biblioteca?

(a) Sim, (b) Não, (c) Talvez.

9. Que tipo de atividades ou abordagens você acha mais eficazes para sensibilizar os frequentadores sobre diversidade de gênero? (Por exemplo: oficinas, palestras, debates, contação de histórias inclusivas).

PROPOSTAS PARA ATIVIDADES NA BIBLIOTECA

10. Que tipos específicos de atividades você sugere para promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso na Biblioteca Comunitária Miro Cairo?

11. Como você imagina que essas atividades podem contribuir para a transformação social e promoção do respeito à diversidade de gênero na comunidade?

12. Você gostaria de acrescentar algum comentário adicional ou sugestão relacionada à promoção da diversidade de gênero na Biblioteca Comunitária Miro Cairo?

Agradecemos sua participação!

Fonte: Autora (2023)